



## A abordagem de conteúdos de Língua Portuguesa na rede social *facebook*

Rhayssa Késsia Alves da Costa  
(UFCG)

### Resumo

Com o surgimento e expansão da internet, temos visto que os meios que facilitam o processo de ensino/aprendizagem tem se ampliado cada vez mais, pois o ambiente virtual traz uma diversidade de possibilidades de acesso a conteúdos e informações por meio de *sites*, blogs, vídeo-aulas, redes sociais etc.. Diante dessa realidade, encontramos nesse ambiente, espaços que se dedicam a abordar conteúdos de Língua Portuguesa (LP), como por exemplo, a rede social *facebook*. Partindo deste fato, tomamos a seguinte questão como norteadora desse artigo: como páginas do *facebook* vêm abordando conteúdos de Língua Portuguesa? Partindo desse questionamento, temos por objetivos investigar e analisar o tratamento dado a conteúdos de LP em páginas no *facebook*. Assim, baseamo-nos nos estudos que tratam dos meios virtuais e do ensino de língua (ROJO, 2009; RIBEIRO, 2012; RECUERO, 2009, ANTUNES, 2009, entre outros) para fundamentar nossa pesquisa. A metodologia utilizada é de cunho descritivo-interpretativista, a partir de uma análise documental dos materiais disponibilizados na rede. O corpus de análise é constituído da descrição e postagens das páginas selecionadas. Os resultados preliminares apontam para o fato de que a abordagem dos conteúdos está voltada, principalmente, a uma perspectiva gramatical-normativa da língua, utilizando-se de dicas como recurso predominante.

Palavras-chave: conteúdos de língua portuguesa, ensino, *facebook*

### Introdução

O avanço e o desenvolvimento das tecnologias propiciam mudanças e impactos em nossas práticas sociais. Desde o surgimento da prensa móvel até, mais recentemente, com as tecnologias móveis, o advento e expansão da internet nosso acesso a informações se ampliou, assim como nossos meios de comunicação e interação.



As mídias que tínhamos acesso de forma “separada” até mais ou menos o final dos anos 90 do século XX, hoje, com a internet, podemos acessá-las em um mesmo espaço utilizando um computador, tablete ou celular. Além disso, o acesso a diversos conhecimentos passou a ser possível, também, fora das escolas, bibliotecas e livros. Na web encontramos enciclopédias virtuais, vídeo-aulas, *sites* que tratam dos mais diversos conteúdos e estão a nossa disposição “gratuitamente”, tornando-se fonte e/ou meio de estudo, consulta, pesquisas para assuntos relacionados ou não ao ambiente escolar.

Em meio a tais mudanças, surgem novas maneiras de ensino/aprendizado proporcionadas pelos recursos que a internet e suas mídias oferecem. Desde programas televisivos, até as redes sociais, temos visto que uma diversidade de conteúdos é tomada como foco por meio dessas mídias, entre eles conteúdos escolares.

Apesar de a internet e seus meios apesar de não terem como objetivo principal assumir um lugar pedagógico, temos visto que esses ambientes acabaram se tornando “instrumentos”/meios para facilitar ou estarem a favor do ensino, já que oferecem dentre os diversos assuntos que abordam, uma variedade de conteúdos escolares em sites, blogs e redes sociais. Como afirma Braga (2013), esses ambientes “embora não tenham sido criados para as práticas de ensino, foram gradativamente sendo incorporados à escola.”. Ainda citando Nelson Preto, a autora afirma que nós “pomos pedagogias nelas”.

Nesse contexto, nos deparamos, dentre os diversos assuntos tratados na rede, uma quantidade significativa de ambientes que tomam conteúdos de Língua Portuguesa (LP) como assunto central de suas abordagens, entre eles na rede social *facebook*. Em especial, conteúdos relativos a aspectos gramaticais da língua têm sido um dos principais focos nesses espaços.



No entanto, no que se refere à abordagem de conteúdos de LP com propósitos educacionais, muitos estudos na área da linguagem têm demonstrado que diversos elementos devem ser considerados nesse tratamento, uma vez que a língua, hoje, passa a ser vista como de natureza social, histórica, interacional. Com isso, seu ensino deve levar em conta tais características e fatores. Os parâmetros curriculares nacionais, por exemplo, que norteiam o ensino no Brasil, trazem uma perspectiva de trabalho com conteúdos que não seja baseada na fragmentação e independência entre si, mas sim, de maneira articulada.

Nesse sentido, ambientes virtuais que vêm se dedicando a abordar conteúdos de língua portuguesa necessitam ser investigados, estudados, analisados de modo que possamos perceber de que maneira e por meio de quais abordagens esse estudo/ensino esses espaços estão pautados. Sabemos que hoje o *facebook* é uma das redes sociais mais populares e possui um grande potencial de repercussão dos assuntos de trazem a tona, sendo este assim, um espaço rico para que seja observado.

Nesse contexto, nosso objetivo é estudar o tratamento que vem sendo dado a conteúdos de língua na internet. Para este artigo, trazemos um recorte de nossa pesquisa de mestrado em andamento que busca investigar esse tratamento em diversos ambientes da web. Para esse recorte, contemplamos apenas páginas do *facebook*.

Diante da quantidade numerosa de páginas no facebook, apresentamos na análise, por amostragem, postagens de duas delas. Selecionamos, portanto, as duas com maior número de “curtidas”, pois são as mais populares na rede.

Ressaltamos que o que chamamos “páginas do *facebook*” não contempla os perfis pessoais. A rede social em questão apresenta duas possibilidades de criação de perfis. Um chamado “perfil individual ou pessoal” e outro chamado de “perfil público”



ou simplesmente “páginas”. Cada uma dessas opções possuem características distintas quanto à individualidade e à forma com que são criados os vínculos. Os perfis possuem um caráter mais individual e para que se possa fazer “amigos” nessa rede é necessário o envio/recebimento de uma “solicitação de amizade”. Já as páginas ou perfis públicos são espaços que permitem organizações, empresas, pessoas públicas ou qualquer pessoa que queira gerar conteúdo postar informações e dados a serem compartilhados. A opção “curtir” está em cada uma dessas páginas, dando acesso àqueles que se interessam pelo seu conteúdo.

Feito tais esclarecimentos, o nome das páginas que selecionamos são “Língua Portuguesa” e “DaLíngua Portuguesa”. Tomamos para análise duas postagens de cada uma delas publicadas no mês de agosto de 2015.

Para fundamentar nossa pesquisa, nos apoiamos nos estudos de Barton e Lee (2015) quando tratam da internet como espaço que passa a ser utilizado como meio que facilita uma aprendizagem independente, autônoma e Braga (2013) no que se refere às diferentes abordagens com que os ambientes virtuais vêm sendo tomados no ensino. Quanto às contribuições referentes ao ensino de língua, ancoramo-nos, principalmente, em Travaglia (1996), Antunes (2009), Mendonça (2009) e nos documentos oficiais de ensino: PCN (2002) e PCN ensino médio (2000).

## **1. A internet e sua relação com o ensino/aprendizado**

Ao tomarmos um ambiente da internet como lugar de investigação em uma pesquisa que trata de questões relacionadas ao ensino/aprendizagem, faz-se necessário compreendermos um pouco sobre as características desse espaço bem como sua relação com o ensino.



Segundo Barton & Lee (2015, p. 11), as tecnologias digitais transformam “todos os aspectos da vida, incluindo as atividades cotidianas, as práticas de trabalho e o mundo da aprendizagem”.

Desde o uso desses ambientes como ferramentas para o ensino à distância, aos sites e blogs criados como meios de mediar o ensino escolar, a relação entre internet e ensino foi se tornando cada vez mais estreita.

Como afirma Braga (2013), nem sempre essas ferramentas são utilizadas como previstas por seus programadores e criadores, uma vez que os usuários tendem a explorar os diferentes ambientes da internet com funções diferenciadas. Além disso, o que se encontra na rede virtual a disposição de todos que acessam a internet pode ser acessado por qualquer um.

No que se refere às diversas maneiras de aprendizado na web, temos visto o que os autores Barton & Lee (2015) chamam de aprendizado *online* como algo que está presente em nosso dia a dia, caracterizando como uma maneira “informal” de aprender ancorada nos meios que a internet oferece. É nessa perspectiva que nossa pesquisa se ocupa. Assim, vejamos um pouco sobre o ambiente o qual tomamos para investigação.

### **1.1. Rede social *facebook***

O facebook (inicialmente chamado *The facebook*) foi criado pelo norte americano Mark Zuckerberg quando ele era aluno da universidade de Harvard. Segundo Recuero (2014, p.184), a ideia inicial do facebook era

criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que se sai da escola e vai para a universidade [...]. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas.





Esse sistema, no entanto, foi se expandindo e popularizou-se no mundo inteiro. Hoje é uma das redes sociais mais populares e conta com milhares de usuários. O funcionamento do *facebook* se dá pela criação de um perfil pessoal ou uma comunidade/ perfil público (também chamados de páginas) para que se possam postar informações, fotos, vídeos etc..

No perfil pessoal, a forma de fazer parte da lista de amigos de outras pessoas se dá pelo envio/recebimento de “solicitação de amizade”, podendo assim ter acesso às publicações, fotos, vídeos para serem curtidas, comentadas ou compartilhadas. Já as páginas (ou perfis públicos), há a opção “curtir” para que os usuários possam receber as publicações dessa página.

Além da possibilidade interativa por meio de comentários, curtidas e compartilhamento, o *facebook* também oferece recursos como bate papo e de criação de grupos privados ou abertos. É por meio dessa diversidade de recursos e formação de redes interativas, que muitos professores têm tomado esse ambiente como uma ferramenta de interação e comunicação por meio da criação de grupos, onde são disponibilizados diversos tipos de materiais, criados tópicos para discussões, atividades diferenciadas que complementem o ensino escolar. Porém, como afirma Braga (2013, p. 122),

[...] o fato de os alunos assumirem mais responsabilidade pelo seu aprendizado não exclui a necessidade da intervenção docente. Ao contrário, como há uma circulação maior de informação e de perspectivas sobre determinados temas, a mediação do docente torna-se ainda mais essencial. Os alunos precisam que o professor medeie as discussões e avalie as diferentes contribuições feita pelos estudantes de modo a evitar que se perca o objetivo das atividades propostas.



No entanto, além dessa possibilidade de utilizar o *facebook* como uma ferramenta de auxílio ao ensino escolar, há as páginas (diferente dos perfis pessoais) que são criadas com propósitos diferenciados, como, por exemplo, tratar de um assunto específico. São nesses casos que encontramos páginas que foram criadas para abordar assuntos escolares, entre eles, de língua portuguesa. Essas páginas, geralmente se intitulam como “comunidade” ou “site educacional” e as pessoas que as curtem interagem e discutem entre si sobre o assunto postado por meio dos comentários, bem como podem interagir com o criador desse espaço que também se utiliza dos comentários para contribuir, tirar dúvidas etc..

Com vimos, esses ambientes são utilizados tanto no que se refere a suas possibilidades de serem integrados ao ensino escolar, quanto de maneira independente das atividades escolares desenvolvidas pelos professores. Nesse sentido, é importante que se veja a perspectiva de tratamento dos conteúdos que tais páginas abordam. Assim, vejamos um pouco sobre as perspectivas de ensino de língua.

### **1.2. Conteúdos de língua portuguesa e seu ensino**

Ao falarmos de conteúdos escolares de LP, é importante sabermos como estes surgiram e foram definidos para o ensino de língua no Brasil. Essa questão vem desde a colonização portuguesa no Brasil, quando a língua falada em Portugal foi imposta ao povo colonizado como oficial, embora não sendo a dominante entre os falantes.

Porém, em 1750, quando Marquês do Pombal estabelece como obrigatório o uso da língua portuguesa, surge o ensino dessa língua como obrigatório, sendo proibido o uso de outras, como afirmam Ilari e Basso (2006). Após essa implementação, o ensino nas escolas, os alunos passaram a estudar a gramática portuguesa, que se tornou parte integrante do currículo, ao lado da gramática latina e da retórica.



Nesse período, a retórica, a poética e a gramática faziam parte do currículo no que se referia ao estudo da língua portuguesa. Só mais tarde, esses eixos se uniram e formaram a disciplina de Português. Nessa perspectiva, a língua que subjaz esse ensino é estrutural.

É com a chegada dos estudos da linguística no curso de Letras, que mudanças vão surgindo no modo de pensar e fundamentar o ensino de língua nas escolas. No entanto, como afirmam Silva e Cyranka (2009), é em meados dos anos 80 do século XX, que estudos linguísticos trazem uma mudança no cenário da disciplina de língua portuguesa, por meio de “novas concepções da gramática do português, que se opõem a primazia da língua escrita no conhecimento da gramática, abrindo espaço para a criação e o reconhecimento gramática da língua falada, antes excluída dos estudos da língua.” (SILVA E CYRANKA, 2009, p. 9).

Estudos da Sociolinguística, da Linguística Textual, Análise do Discurso, Pragmática, ao trazerem uma perspectiva de língua diferenciada, vista como enunciação, uso, contexto, finalidade etc., levam para uma proposta de ensino a ideia de língua como heterogênea, que se relacionam ao seu contexto, aspectos sociais, históricos entre outros. Isso reflete em uma maior relevância ao papel do aluno em relação à língua.

Essas influências se encontram presentes hoje, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa adotam linguagem como “uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica” e língua como “um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade.”. O aprendizado da língua seria, então, “não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.” (BRASIL/MEC, 1998).





No entanto, a mudança de perspectivas teóricas, de novos olhares e propostas para o ensino não fez com que a tradição fosse rompida por completo. Como afirma Ilari (1997), os estudos linguísticos não chegaram a trazer grande impacto ou alteração nas práticas dos professores. Segundo ele,

o professor secundário continua investindo a maior parte de seus esforços no ensino da terminologia gramatical; continua enorme o espaço reservado aos exercícios escritos; a escola continua ignorando as variedades regionais e sociais não *standard*; [...] os usos da língua na escola continuam em grande medida artificiais [...].

Tendo em vista as perspectivas com que o ensino de língua portuguesa foi e é tomado tomando, é necessário que compreendamos como se caracteriza cada uma delas. Em particular, trazemos as perspectivas referentes ao ensino de gramática e a proposta de análise linguística.

### **1.2.1 Abordagens do ensino de gramática**

Segundo Travaglia (1996), pode-se considerar que existem, pelo menos, quatro perspectivas de abordagem do ensino gramatical. Seriam elas: a gramática teórica, a normativa, a reflexiva e a de uso.

No que se refere à teoria, o ensino baseia-se em atividades teóricas de identificação e classificação dos elementos linguísticos e suas regras de funcionamento são descritas, ou seja, há o emprego da metalinguagem nessa nomeação e classificação. A utilização de textos abordando tal perspectiva toma-os como “pretexto” nos quais são extraídos elementos para serem analisados.



Em relação à gramática normativa, sua preocupação de volta às atividades de gramática normativa. A norma culta escrita é valorizada em relação às variedades linguísticas. As variedades que não se enquadram nesse molde, são consideradas como erros, devendo, assim, ser corrigidas e evitadas.

A gramática de uso aborda recursos e regras da língua nas diferentes variedades linguísticas, incluindo-se, também, a culta. Os usos da linguagem são trabalhados com produção e compreensão dos textos de diversas ordens.

Por fim, a gramática reflexiva privilegia os efeitos de sentido dos elementos e fatos linguísticos. O entendimento e explicação em relação às escolhas na produção dos textos são aspectos valorizados. Não há tanta ênfase na metalinguagem, embora possa ser utilizada, no entanto com propósitos não descritivos, mas sim, reflexivos.

Nas duas primeiras perspectivas, há a valorização da tradição de ensino gramatical a qual se volta aos aspectos estruturais com ênfase em uma abordagem metalinguística na exposição de normas e regras a serem seguidas para o uso “correto” da linguagem estabelecida como padrão.

Já nas duas últimas apresentadas, há a preocupação com o uso e reflexão da língua, abordando não só a norma padrão da língua. É diante dessa perspectiva, principalmente partindo das concepções da gramática reflexiva, que surge a proposta da “análise linguística”.

Essa proposta não vem com o intuito de “extinguir” a gramática do ensino nas escolas. Como afirma Antunes (2009, p. 174) o ensino de gramática não é totalmente descartado, “não está em questão, em nenhuma proposta, de nenhum linguista, retirar a gramática da programação do ensino.” O que se pretende é uma implementação de um ensino gramatical que esteja relacionado a um funcionamento



interativo que contribua na construção e organização na produção de diferentes tipos e gêneros textuais.

Como afirma Mendonça (2009, p.199)

Nas últimas duas décadas [...] vem se firmando um movimento de revisão crítica dessa prática, ou seja, vêm-se questionando a validade desse modelo de ensino, o que faz emergir a proposta da prática de análise linguística (AL) em vez das aulas de gramática.

Assim, vejamos um pouco sobre essa proposta.

### **1.2.2 A proposta da análise linguística**

O termo “análise linguística” foi usado pela primeira vez por Geraldi (1997 [1984]), ao qual se voltava para os estudos gramaticais feitos a partir dos textos dos alunos, objetivando a reescrita. Quanto a esses estudos, alerta que

[...] a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina (GERALDI, 1997, p.74).

Por meio da proposta, o autor não exclui a possibilidade de se organizar atividades paralelas sobre aspectos sistemáticos da língua. Em nota, explica que a AL “inclui tanto o trabalho com questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto” (GERALDI, 1997, p.74).

Esse novo modelo trouxe significativa “ajuda” para que o ensino pudesse se tornar mais satisfatório. O ensino da gramática desvinculado de um contexto e de uma orientação voltada para a reflexão sobre a língua faz com que os alunos não vejam nas aulas de português algo que possa ser “útil” para suas vidas.



A proposta da análise linguística está diretamente ligada ao texto. Parte-se do macro para o micro e não o contrário. A reflexão e a observação do funcionamento linguístico por meio de um texto propiciam uma compreensão mais profunda sobre a linguagem em uso. Assim,

[...] a AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilita a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos lingüísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou refletir sobre esses mesmos usos da língua. (MENDONÇA, 2009, p. 204)

Essa proposta não descarta, porém, que deve existir uma organização e sistematização no percurso do ensino-aprendizagem. Logo, o professor precisa estar consciente do seu trabalho com a análise linguística e conhecer bem o que propõe essa perspectiva.

Diferencia-se do ensino de gramática em muitos aspectos. A perspectiva de AL busca tratar os aspectos gramaticais de modo a relacioná-los aos textos e ao funcionamento dos elementos linguísticos em uso. A inclusão da prática da epilinguagem, ou seja, a reflexão sobre o uso, associada à metalinguagem (reflexão voltada para a descrição), acrescenta ao ensino o caráter de participação efetiva dos alunos ao pensarem e refletirem sobre o próprio uso da linguagem e não apenas irem assimilando passivamente o que é descrito pelas gramáticas normativas (MENDONÇA, 2009, p, 207).

Tendo em vista tais considerações teóricas vejamos por meio da análise que tratamento é dado a conteúdos de língua portuguesa em páginas do facebook.



## 2. O tratamento de conteúdos de língua portuguesa em páginas do facebook

Como apresentamos na introdução desse artigo, a análise que apresentamos está relacionada à pesquisa de dissertação em desenvolvimento por nós a qual já apresenta alguns resultados. No que se refere ao tratamento de conteúdos de língua em páginas do *facebook*, temos percebido uma recorrência de duas principais abordagens. Para demonstrar isso, iniciamos nossa análise trazendo duas imagens que demonstram um desses tipos de abordagem, depois trazemos mais duas que revelam o outro tipo por nós detectado. Antes de analisarmos, vejamos as figuras 1 e 2.

Figura 1: conteúdo sobre conjunções

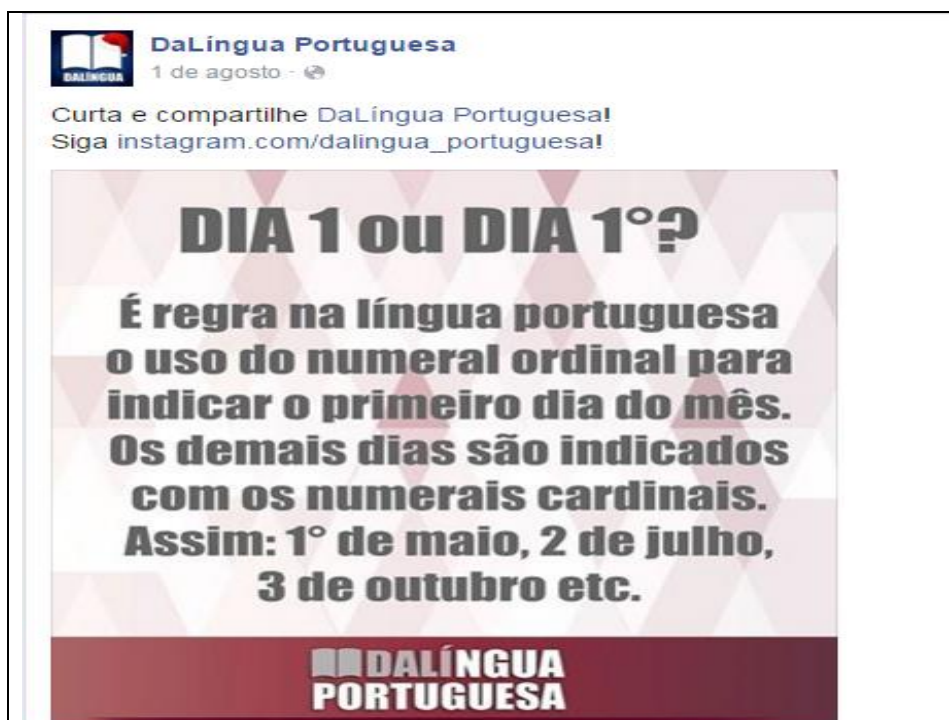


Fonte: Língua Portuguesa. Disponível para acesso em:  
<https://www.facebook.com/linguaportuguesa/>





Figura 2: conteúdo sobre usos de numerais



Fonte: DaLíngua Portuguesa. Disponível para acesso em:  
<https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa/>

É bastante recorrente nas páginas que temos analisado encontrarmos postagens como as que apresentamos nas figuras 1 e 2. Trazem como foco de abordagem elementos da língua que geralmente são alvos de dúvida ou confusão.

Como vemos na figura 1, o conteúdo abordado trata das conjunções “se não” e “senão” a fim de esclarecer a diferença entre elas. Isso é feito por meio da exposição do sentido de cada um, seguido de exemplos por meio de frases.



Chamamos esses tipos de postagens de “dicas”. A escolha do conteúdo tratado parte de dúvidas e confusões que buscam ser esclarecidas por meio de “dicas” que na verdade estão embasada nas regras gramaticais, assim como vemos também na figura 2.

O assunto abordado é o uso de numerais em datas. A dúvida que é apresentada por meio do questionamento: “Dia 1 ou dia 1º?”. O esclarecimento em relação ao assunto vem com a exposição da regra gramatical normativa que diz “o uso do numeral ordinal para indicar o primeiro dia do mês. Os demais dias são indicados com os numerais cardinais.”. Em seguida, apresentam-se os exemplos.

O tratamento dado aos conteúdos trazidos pelas postagens apresentadas nas figuras 1 e 2 encontra-se diretamente relacionado ao paradigma abordagem da gramática teórica e da normativa (TRAVAGLIA, 1996), uma vez que toma a metalinguagem como meio de classificação e apresentação de regras, sem contextualização, apenas de forma fragmentada e mostrando o que seria o “certo” e o “errado”.

Tal perspectiva se mostra, assim, limitada no que se refere a uma abordagem que leve a uma reflexão sobre o uso ou até mesmo sobre as próprias regras expostas. A metalinguagem não está associada a uma prática epilinguística.

Vejamos, então o outro tipo de tratamento de conteúdos que encontramos nessas páginas, a partir das figuras 3 e 4.

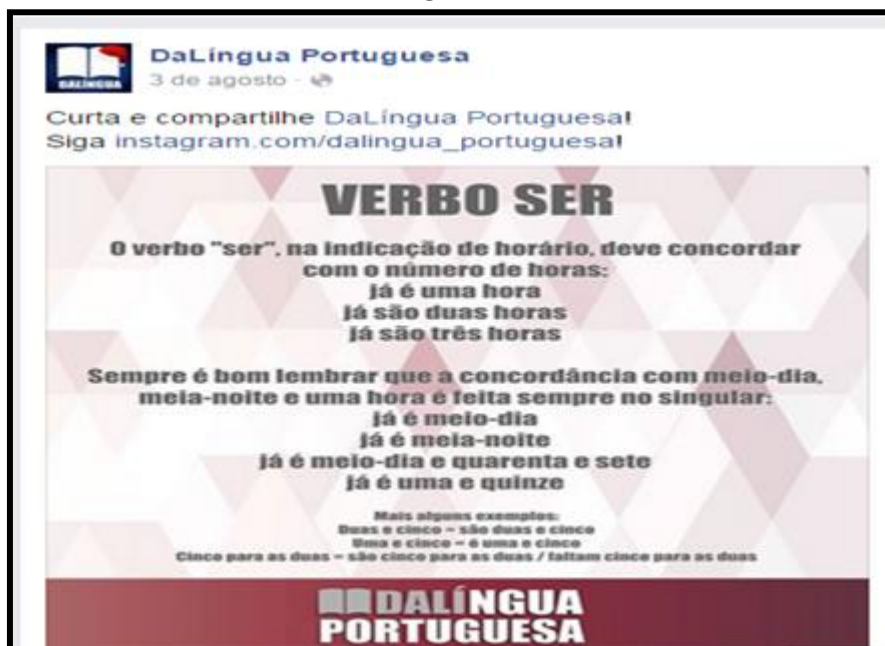


Figura 3: conteúdo sobre plural dos substantivos



Fonte: DaLíngua Portuguesa. Disponível para acesso em:  
<https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa/>

Figura 4:



Fonte: DaLíngua Portuguesa. Disponível para acesso em:  
<https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa/>



Nas figuras 3 e 4, os conteúdos abordados trazem um fragmento de um assunto mais amplo, detendo-se, assim ao específico. Na figura 3 há um fragmento do conteúdo referente ao plural dos substantivos, já na figura 4 o fragmento selecionado refere-se apenas ao verbo “ser”. O foco desse tipo de tratamento não tem por base a “dúvida” ou apresentação de dois elementos que podem causar confusão. Nelas o foco é tratar de um assunto bem específico.

Na figura 3, é apresentado, logo no início da postagem, um título dado ao conteúdo abordado, mostrando que irá tratar da classe de palavra substantivos, especificamente no que se refere à flexão de número. A formação do plural escolhida abarca apenas a relacionada aos substantivos terminados em –il.

Posteriormente ao título, é trazida a regra estabelecida pela gramática normativa que diz “oxítonos terminados em –il trocam o –l por –s” e “paroxítonos terminados em –il trocam o –il por –eis”. Após essa apresentação da regra são mostrados os exemplos.

A exposição do conteúdo se caracteriza como fragmentada, tanto pela escolha aleatória, não havendo uma contextualização sobre o que será dito em relação ao assunto, quanto à delimitação de tratar apenas do plural de alguns substantivos.

Isso ocorre de forma semelhante no tratamento do conteúdo da figura 4. Apresenta-se o título que especifica o que será tomado “verbo ser”, depois se apresentam as regras quanto ao uso do verbo em situação de indicação de horário. À medida que se apresenta a regra exemplifica-se com orações. A ênfase, novamente, é a exposição de regras a serem seguidas.

Além disso, percebemos que em todas as postagens analisadas não há indicação alguma de fonte de onde foi retirado o assunto apresentado, o que demonstra uma não preocupação em situar onde pode ser encontrado aquilo que foi





apresentado, nem com direitos autorais, uma vez que não se diz nada sobre um conteúdo sem nenhuma fonte ou referência.

Os recursos visuais utilizados não diferem muito do impresso, uma vez que a predominância na exposição do conteúdo é linguístico-discursivo e em sua configuração há apenas destaques de cores. A fragmentação e a não contextualização dos conteúdos é recorrente no tratamento dos conteúdos apresentados nas postagens.

Assim, tendo em vista a perspectiva adotada para o tratamento dos conteúdos tratados nas postagens apresentadas, não há o uso de textos para que seja abordado o assunto, mas, sim fragmentos são apresentados a fim de serem classificados e nomeados por meio de regras. Como afirma Ilari (1997), ao adotar uma perspectiva que de detém apenas à estrutura da língua e exposição de regras o resultado é uma abordagem superficial no que se refere à apreensão do sentido.

Estando embasadas por tal perspectiva as páginas da web que analisamos reproduzem uma visão de língua limitada e superficial. Com isso, não há uma educação linguística reflexiva e crítica, uma vez que não há a preocupação em se construir um trabalho com esses conteúdos que envolva diversas etapas e recursos possíveis para que se chegue a aprender questões sobre a linguagem que esteja relacionada a variados contextos de usos, que estabeleça conexões com outros conteúdos, que veja a funcionalidade dos elementos linguísticos etc..

O foco é apenas a exposição do conteúdo de modo descritivo, utilizando-se da metalinguagem com ênfase na classificação e nomenclaturas e apresentação de regras gramaticais normativas.





### 3. Considerações finais

Por meio das breves considerações e análise que apresentamos nesse artigo, pudemos perceber que ainda há muito que ser investigado, estudado e analisado nos meios virtuais no que se refere ao tratamento de conteúdos escolares, principalmente sobre língua.

A rede social *facebook* tem feito circular, com muita frequência, postagens criadas por essas páginas criadas com o objetivo de tratar de conteúdos de língua portuguesa e muitos usuários da rede utilizam-se desse meio para “estudar” e “aprender” nesse ambiente tais conteúdos apresentados. Dessa forma, é importante que tais espaços na web sejam investigados para que possamos (re)conhecer as abordagens que subjazem tais páginas.

Como vimos, os conteúdos são tratados de modo fragmentado, descontextualizado e sem indicação de fonte ou referência de onde foram retirados. Tais características demonstram o empobrecimento com que a língua portuguesa vem sendo tratada em páginas do facebook que possuem grande número de “curtidas” e popularidade.

Diante da realidade que vivenciamos com o surgimento e a possibilidade de um aprendizado “autônomo” e “independente” pautado no estudo por meio de ambientes na internet, a análise desses ambientes no que se refere ao tratamento que dão aos conteúdos escolares devem também ser foco de interesse de pesquisadores da área educacional, uma vez que, cada vez mais, o estudo não é feito apenas dentro das escolas, mas refletem direta ou indiretamente no ensino/aprendizagem escolar e na formação para a vida.



## Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Texto, língua e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC, 2000.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SILVA, V.S. CYRANKA, L.F.M. A Língua Portuguesa na escola ontem e hoje. In: \_\_\_\_ **LINHAS CRÍTICAS**. Brasília, v. 14, n. 27, p. 271-287, julho/dezembro. 2009.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: \_\_\_\_ **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 59-79.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da língua Portuguesa**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio.; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.199-226

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.